

PARA ONDE NOS CONDUZ  
O SENHOR

*A Palavra*

**redesenha  
o nosso  
caminho**

**EUROPA/CANADÁ-QUEBEC**

# SUMÁRIO

*Entremos na Europa e Canadá-Quebec  
para acolher o desafio da unidade na diversidade*

*Apresentação da Superiora Geral*

1. Para a lectio  
*“Nós todos fomos batizados num só Espírito para formar um só corpo”*
2. Para a meditação
3. Para a partilha
4. Para a oração

*Com Paulo entremos na “Casa comum”*

*“... formar um só corpo”*

*A Europa cristã é chamada, por vocação, a constituir uma só família”*

*Para onde vai Quebec?*

*O futuro da vida consagrada na Europa*

*Para observar o nosso lugar a partir da perspectiva do mundo*

*As FSP na Europa e Canadá-Quebec*

*Alguns desafios das circunscrições da Europa e Canadá-Quebec*

*Outros desafios importantes e urgentes*

*“Agora, vós sois o corpo de Cristo”*

*“Devem começar como o presépio”: nos passos das primeiras irmãs*

*“Caríssima, belíssima, desejadíssima em Cristo Jesus”: a Casa de Roma*

*“Não somente tipografias”: as primeiras “filiais”*

*Salerno: a “primogênita”*

*Verona: um Natal para sonhar*

*Acolhidas com hostilidade e compaixão: a fundação da casa de Lion*

*Os sacrifícios dos inícios difíceis: a fundação da casa de Barcelona*

*“Três consolações: o Evangelho, Nossa Senhora, a Eucaristia”:*

*a fundação da casa do Porto*

*Começando com Maria, Rainha dos Apóstolos:*

*a fundação da casa de Londres*

# ENTREMOS NA EUROPA E CANADÁ-QUEBEC PARA ACOLHER O DESAFIO DA UNIDADE NA DIVERSIDADE

## *Apresentação da Superiora Geral*



Caríssimas irmãs

Mais uma etapa da “peregrinação paulina” nos continentes em que o *amor do Senhor nos enviou* (Cf. 2Cor 5,14).

“Entramos” com o coração de Paulo na imensa Ásia e na matizada Oceania; permanecemos no “continente da esperança: África-Madagascar. Agora, decisivamente, ultrapassamos as portas da Europa, em busca das raízes, mas também dos frutos. As raízes são fundamentais; o próprio futuro nos enxerta sobre as raízes. Mas os frutos são visíveis, sob os olhos de todos, e nos fazem compreender que a planta é sadia.

Entramos na Europa de hoje – pluri-religiosa, multicultural, multiétnica, pós-cristã...- redescobrimo-la muito diferente daquela em que nascemos como Paulinas e onde trabalhamos há quase um século. Conhecêmo-la em suas conquistas de liberdade e de civilização; elogiamos os grandes recursos e os valores universais que o cristianismo contribuiu para forjar. Mas não podemos deixar de constatar a crise de valores em que se debatem as escolhas legislativas, com frequência em detrimento e até em contraste com a lei natural e com o bem autêntico da pessoa e da sociedade; o imperante relativismo.

“Atormentada Europa”, que tira os crucifixos dos lugares públicos e proíbe os (minareti...) *Atormentada* – e ambígua – Europa, quando defende o crucifixo, mas como símbolo de identidade “cultural”, a ser ostentado como espada para afastar os imigrantes e comprometer o já difícil caminho da integração e do diálogo.

Certamente, a crise que hoje a Europa – e em muitos aspectos, Quebec – vive, é grave. Desejamos, todavia, manter um olhar lúcido e cheio de esperança; viver um otimismo sadio e realista, assumir responsabilidades precisas para o futuro deste continente, mas também alimentar um sonho sobre o nosso futuro, aqui e agora.

É preciso escutar o que o Espírito nos diz, inspirando-nos sempre mais no exemplo deixado por São Paulo, evangelizador da Europa (Cf. At 16,6-9). Paulo enfrentou situações semelhantes às que vivemos em nossa época, enfrentando desafios ainda maiores do que os que hoje se apresentam diante de nós. Paulo confiou-se ao poder de Deus e trabalhou com empenho, de modo lúcido, estratégico, construindo bases missionárias, organizando conexões comunicativas, valorizando a obra dos colaboradores.

Como Paulo, desejamos assumir a Europa como um “sinal dos tempos” para ser testemunhas de vida e de esperança, antes de tudo entre nós e, também, no meio dos irmãos e das irmãs deste continente, desorientados, inseguros, sem esperança.

Certamente, continuaremos a envelhecer e as forças a diminuir... Mas, *hoje, mais do que nunca*, devemos confiar no Senhor e na sua promessa empenhando-nos, *hoje mais do que nunca*, a reafirmar o primado de Deus, em revitalizar a identidade carismática, a promover a cultura vocacional, a discernir novas formas de presença, a incrementar redes de colaboração, a “sair” de nós mesmas para ir ao encontro do outro.

Só um Instituto religioso sempre mais teologal e mais religioso, que ordene sua vida e sua ação conforme a escolha prioritária de Deus, consegue ir muito longe (pe. José M. Arnaiz).

Assim, nossa missão se tornará testemunho de diálogo e **companhia de fé** e de amor, em particular para as gerações jovens.

A edificação da Europa é, realmente, uma aventura que vale a pena viver.[...] Mais do que nunca, o caminho se abre diante de nós. Não é o momento de diminuir a marcha ou de parar à beira do caminho. Não esqueçamos que somos discípulas daquele que disse a cada uma: “*Não tema. Levanta-te e caminha!*”.

Unimo-nos a essa consciência expressa pelos participantes da assembleia plenária do Conselho das Conferências Episcopais da Europa. E com Maria, mãe da Esperança, digamos: “Vem, Senhor Jesus! (Ap 22,20).

Acompanha-nos, sustenta-nos, ilumina-nos”.

Com afeto,

*Ir. M. Antonieta Bruscato*

*Superiora geral*

### **ALGUMAS INDICAÇÕES DE MÉTODO**

- A primeira parte deste itinerário consiste na *lectio*, isto é, na leitura orante da Palavra: poderá ser vivida pessoalmente percorrendo as páginas bíblicas indicadas.
- A segunda parte propõe a meditação: para viver em nível pessoal e depois partilhar num encontro comunitário.
- A oração, que cada irmã formulará, poderá ser partilhada em nível comunitário.
- A meditação da Palavra se estenderá à contemplação da nossa realidade congregacional na Europa e no Canadá-Quebec, para acolher o convite da Palavra: *escutar o que devemos fazer*.



# 1. PARA A LECTIO



## **“NÓS TODOS FOMOS BATIZADOS NUM SÓ ESPÍRITO, PARA FORMAR UM SÓ CORPO”**

### *O desafio da unidade*

*Acolhamos o Senhor e Mestre que deseja entreter-se conosco: assumamos a atitude de discípulo que dá prioridade absoluta à escuta da Palavra: é “a melhor parte” que ninguém nos pode tirar e que sustenta o nosso empenho cotidiano a serviço da unidade.*

Existem vários carismas, mas um só é o Espírito; existem vários ministérios, mas um só é o Senhor; existem várias atividades, mas um só é o Deus que opera tudo em todos. A cada um é dada uma manifestação particular do Espírito para o bem comum (...). Como, de fato, o corpo é um só e tem muitos membros e todos os membros do corpo, embora sendo muitos, são um só corpo, assim também Cristo. De fato, nós todos fomos batizados mediante um só Espírito e num só corpo. Judeus ou gregos, escravos ou livres; e todos fomos dessedentados num só Espírito. Porque o corpo não é formado por um único membro, mas por muitos membros. (...) Ora, vós sois o corpo de Cristo e, cada um segundo sua especificidade, seus membros (1Cor 12,4-7.12-14.27).

O contexto em que se coloca o nosso texto diz respeito a uma das tantas questões que Paulo enfrenta com os cristãos de Corinto na primeira carta dirigida à comunidade: a *divisão*, que se manifesta até mesmo no celebrar a “ceia do Senhor” (1Cor 11,18), e que parece ser determinada (e quase justificada) pela variedade dos dons presentes no interior da própria comunidade.

Mas os dons, mesmo que diferentes – afirma o Apóstolo –, têm sua origem no Uno/Trino:

Existem diversos carismas, mas um só é o Espírito; existem diversos ministérios, mas um só é o Senhor; existem várias atividades, mas um só é o Deus, que opera tudo em todos (1Cor 12, 4-6)

O acento é colocado “sobre o contraste entre a pluralidade dos dons distribuídos e a única fonte da qual esses derivam”<sup>1</sup>.

Deus não é um criador “serial”, um fabricante de fantoches, zombado e refutado pelos que negam sua existência, relegando-o ao mundo da fantasia e do mito que precede o conhecimento científico. Deus é a energia vital que atravessa todo espaço e todo tempo de nossa experiência cotidiana. Ele “é” na alegria e na dor, na fadiga e na rotina, na união e na divisão, na paz e na guerra. Está dentro de cada história humana, como se ela fosse única. Neste sentido, Paulo pode dizer que há “um só Deus que opera tudo em todos”.

Deus está além de nossa capacidade de compreendê-lo, de amá-lo, de falar dele. De fato, diante de Deus só nos resta o silêncio adorador. E não é menor o empenho para balbuciar o que Deus significa para nós. Essa é, ainda hoje, a pequena mediação que podemos fazer à Palavra de Deus que nos foi confiada: o testemunho de uma vida vivida sob o signo de Deus.

Um termo chave do discurso de Paulo é o substantivo *carisma*, típico de seu vocabulário<sup>2</sup>, termo que evoca a gratuidade da iniciativa divina:

Temos dons diversos, segundo a graça que foi dada a cada um de nós (Rm 12,16).

Os dons são diversos, mas a finalidade dos dons não é a diversificação, a divisão e, sim, a unidade. A diversidade é para um bem maior, “o bem comum”, que vem da vontade de Deus, de seu

---

<sup>1</sup> R. Fabris, *Primeira Carta aos Coríntios, nova versão, introdução e comentário*, Paulinas, Milão 1999, p.168

<sup>2</sup> Sobre dezessete recorrências complexivas, dezesseis encontram-se nas cartas de São Paulo, quatorze das quais são escritos autênticos. Na 1Cor o *carisma* aparece sete vezes, das quais cinco no nosso texto” (*ivi*).



projeto de amor pela humanidade, pela nossa comunidade, para cada uma de nós.

Por que Deus distribui desse modo os seus dons? Para que cada um sinta necessidade do outro. Eu tenho necessidade de ti, porque tu tens um dom que eu não tenho. Deus o deu a ti, para mim. E aquele dom que eu tenho, Deus o deu a mim, para ti<sup>3</sup>.

São Paulo faz referência ao corpo para ilustrar a possibilidade real da coexistência da diversidade/unidade. O corpo é um, ainda que composto de muitos membros e diferentes entre eles, com diferentes atividades e dignidade. No entanto, todos os membros são necessários para o bom funcionamento e o equilíbrio do corpo.

O corpo é o grande protagonista da cultura moderna ocidental (mas não só isso), exaltado e desfigurado, absolutizado e desprezado, transformado, como nunca, em um “meio de comunicação” e em uma mensagem de provocação, de pedido de atenção, de interpretação da própria orientação de vida, cuidado até o excesso, com desperdício de energias físicas e econômicas; vivido como o tudo da pessoa, em prejuízo da dimensão espiritual, interior.

A absolutização do corpo acaba por jogar a favor da exaltação do indivíduo, que se afirma na vida na medida em que tem sucesso, assume trabalhos de poder, aparece na televisão... Neste contexto cultural compreende-se como corre o risco de se tornar sempre menos significativa a linguagem da fé, a proposta cristã. E ao mesmo tempo, existe o desejo de descobrir a perspectiva espiritual, de individuar a fonte, a conexão essencial.

“Como o corpo..., assim também Cristo”. Cristo é a cabeça, e cada cristão é membro do corpo de Cristo, ligado a Ele pelo poder do Espírito Santo, no sacramento do batismo (“... batizados num só Espírito”) e no empenho cotidiano de “dessedentar-nos” do mesmo Espírito. É a vocação comum à fé no Deus de Jesus Cristo que torna sólida a nossa união. Nós somos um, no Espírito de Deus, que é espírito de comunhão, de unidade.

---

<sup>3</sup>P. Rica, Paulo como apóstolo ecumênico, p. 5, pró manuscrito

O Espírito Santo é o suscitador da unidade; só ele é capaz de colocar em nosso coração o desejo de buscar a profundidade, de não contentar-nos apenas em viver o dia-a-dia e de fazer bem feitas as coisas que nos são confiadas, mas de despertar, continuamente, em nós e nos outros, o sentido do fim último, a razão pela qual estamos neste mundo.

Se vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai do céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedirem! (Lc 11,13).

O convite de Jesus vai na direção compreendida por Paulo: pedir o dom do Espírito Santo para saciar a sede cotidiana de vida autêntica, divina.

O Espírito torna capaz de superar também as dificuldades, aparentemente insuperáveis. Pode-se imaginar o quanto tenha sido difícil para Paulo e para seus interlocutores acolher diferenças substanciais para sua visão de mundo, para a cultura daquele tempo (“judeus ou gregos, escravos ou livres”). A fidelidade a Cristo e a perspectiva de encontrar-nos unidos nele torna-se razão suficiente para superar também tais dificuldades. Somos corpo de Cristo e seus membros; somos diferentes e unidos em Cristo. Não há “imã” mais eficaz que Cristo. Ele é a fonte de cada motivação, no sentido de alcançar a unidade. E o caminho a ser percorrido nos é indicado pelo Apóstolo: “o caminho mais sublime”, a *caridade* (Cf. 1Cor 12,31; 13,1ss.).

O empenho para a unidade, certamente esteve no coração e no projeto do Pe. Alberione, cujo ensinamento ressoa, ainda hoje, atual e urgente:

A oração que devemos fazer agora e que gostaria de sugerir, é a oração do próprio Mestre Jesus. Naquela oração – chamada sacerdotal – por quatro vezes Jesus pede: “para que sejam uma só coisa” (Jo 17,11). Que haja união!... Até que ponto? A comparação feita é sublime. Jesus disse: “Pai, como tu e eu somos uma só coisa” (APD 1963, 272)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup>G. Mauro Ferrero (aos cuidados de), Um ano com Dom Alberione, Roma 1992, p. 135.

## 2. PARA A MEDITAÇÃO



*O confronto com a Palavra nos leva à verificação de nosso estilo de vida, de nossas escolhas cotidianas. Estamos abertas à comunhão, à unidade que o Espírito quer realizar em nós e conosco?*

Quando se fala de Europa, não se pode esquecer que existe um projeto com mais de cinquenta anos relativo ao continente europeu em nível econômico, político, social: a unidade<sup>5</sup>. O lema europeu, de fato, é *Unidade na diversidade*: um objetivo que aos poucos se está realizando, com grandes dificuldades pela diversidade das línguas, das culturas e das tradições. Na realidade, é essa mesma diversidade o fator que constitui e dá valor à unidade do corpo.

Aquilo que vale para a Europa, em relação às nações, vale também, sob muitos aspectos, para a Europa Paulina e para as comunidades das delegações do Canadá-Quebec. Há uma exigência para se colocar em comum as energias e os recursos e, ao mesmo tempo, há a dificuldade de imaginar qual estrada percorrer para “harmonizar as vozes” dissonantes, e favorecer itinerários que permitam sentir-nos um só corpo.

A origem dessa nossa comunhão é o Espírito que cria unidade no amor e dá a cada um dons diferentes para “o bem comum”. O Espírito é o dom do Pai em Cristo Senhor, dom que se faz presente

---

<sup>5</sup>O 9 de maio de 1950, Robert Schuman, ministro francês das Relações exteriores, apresentou uma proposta de organização da Europa baseada na divisão dos recursos de carvão e aço, sobretudo no intuito de afastar o perigo de novas guerras entre as nações européias. A proposta foi considerada um ato de nascimento da União Européia. Aos 9 de maio festeja-se “O dia da Europa”, uma ocasião para promover atividades capazes de aproximar a Europa aos cidadãos e aos povos que a compõe.

em nossa vida na forma de tantos dons. Entrar nesta lógica comporta, ainda, colocar a atenção no primado da fé<sup>6</sup> e redescobrir a graça do batismo como experiência fontal da fé e da possibilidade de aprofundá-la, no conhecimento de que pertencemos a Cristo Senhor, não como experiência acabada, concluída, mas como contínuo início de uma vida nova.

... “Mas Deus formou o corpo ... para que não houvesse desunião no corpo, mas para que os vários membros tivessem cuidado uns com os outros.”

O desafio da unidade é, sobretudo, desafio da comunhão, isto é, do cuidado de umas com as outras, de um renovado sentido de pertença a uma realidade maior que a nossa comunidade, delegação, província. E isso pressupõe a capacidade de ir além dos limites e dos interesses pessoais, das diversidades de números, estruturas, perspectivas, em espírito de coparticipação e de partilha.

A imagem da unidade do corpo e da multiplicidade dos membros remete ao fato de que, no corpo, cada membro trabalha em sintonia com os outros membros para chegar a um objetivo prefixado, na busca de uma qualidade de vida melhor. Também para a *Europa Paulina* e para as comunidades da delegação Canadá-Quebec está em jogo a qualidade de vida e do dom que nos foi confiado pelo Espírito Santo através da mediação de Dom Alberione: *o carisma paulino*.

Quando cuidamos umas das outras, presentes nas várias nações europeias e em todo o mundo onde estamos e trabalhamos, *passamos a ter cuidado com o carisma*.

---

<sup>6</sup> *Documento capitular do 9º Capítulo Geral 2007, n.7.*

### 3. PARA A PARTILHA



*“... todas as filhas de São Paulo formam uma única família: portanto, todas têm os mesmos interesses espirituais e temporais...tudo é da Congregação, e todas devem trabalhar para fazer com que a Congregação progrida” (Vi porto nel cuore. Carta circular n. 280).*

*A atualidade e a força dessa afirmação de Mestra Tecla nos estimulam a partilhar entre nós:*

- qual é o caminho da unidade que esperamos e vemos como urgente e possível?*
- como exprimimos, hoje, a nossa pertença a uma única família, a Congregação?*

### 4. PARA A ORAÇÃO



*O símbolo da União europeia, da unidade e da identidade da Europa é a bandeira: um fundo azul com um círculo de doze estrelas douradas, exprimindo a solidariedade e a harmonia entre os diversos povos do “velho continente”. O número de estrelas não está ligado ao número dos países membros da União, mas lembra um número de perfeição, de plenitude e de unidade.*

*Acolhendo o convite que o Senhor hoje nos faz, podes transcrever, em forma de oração, teu desejo-empenho de viver a unidade na diversidade.*

.....

.....

.....

## Oração

*Nas intenções de seu “criador”, Arsene Heitz, o fundo azul e as doze estrelas da bandeira europeia são símbolos marianos.*

*Com João Paulo II confiamos em Maria, Mãe da esperança e da Europa, o caminho de crescimento para realizar o sonho da unidade.*

Maria, Mãe da esperança,  
*caminha conosco!*  
*Ensina-nos a proclamar o Deus vivente;*  
ajuda-nos a testemunhar Jesus, o único Salvador;  
tornar-nos serviçais para com o próximo,  
acolhedores para com os necessitados,  
fazedores de justiça,  
construtores apaixonados  
de um mundo mais justo;  
intercede por nós, que trabalhamos na história,  
na certeza de que o desígnio do Pai se cumprirá.

Aurora de um mundo novo,  
mostra-te Mãe da esperança e *vela sobre nós.*  
Vela sobre a Igreja da Europa:  
para que seja transparente ao Evangelho;  
seja autêntico lugar de comunhão;  
viva sua missão  
de anunciar, celebrar e servir  
o Evangelho da esperança  
para a paz e a alegria de todos.

Rainha da paz,  
*protege a humanidade do terceiro milênio.*  
Vela sobre todos os cristãos:  
para que prossigam confiantes no caminho da unidade,  
qual fermento para a concórdia do Continente.  
Vela sobre os jovens, esperança do futuro:  
para que respondam generosamente  
ao chamado de Jesus.

Vela sobre os responsáveis das nações,  
para que se empenhem na construção de uma casa comum,  
na qual sejam respeitados  
a dignidade e os direitos de cada um.

*Maria, dá-nos Jesus!*

Faze com que o sigamos e o amemos!

Ele é a esperança da Igreja,  
da Europa e da humanidade.

Ele vive conosco, no meio de nós,  
na sua Igreja.

Contigo, dizemos: “Vem, Senhor Jesus”: (Ap 22,20):

que a esperança da glória  
infundida por Ele em nossos corações  
traga frutos de justiça e de paz!

(João Paulo<sup>7</sup> II)

---

<sup>7</sup> Exortação apostólica pós-sinodal A Igreja na Europa (28 de junho de 2003)

## COM PAULO, ENTREMOS NA “CASA COMUM”



*“... formar Um só corpo ”*

Juntas, como congregação, acolhemos o convite que nos vem do processo para o redesenhar as nossas presenças, a fim de sentirmos um único corpo, partilhar *recursos e fragilidades, refletir e trabalhar juntas na corresponsabilidade e numa mais forte comunhão.*

Acompanhadas por São Paulo, cuja preciosa herança foi focalizada, hoje, na experiência dos diversos membros em um só corpo, deixemo-nos provocar, no que diz respeito à Europa, pelas palavras do Santo Padre e por uma reflexão sobre o futuro da vida consagrada e para o Canadá, por um texto do card. Quillet, arcebispo de Quebec e primaz do Canadá.

*A Europa cristã é, por vocação,  
hamada a “constituir uma só família”<sup>8</sup>*

[...] Este ano a Europa comemora o vigésimo aniversário da queda do muro de Berlim. Desejei honrar, de modo particular, este evento, voltando-me para a República Checa. Naquela terra sofrida pelos interesses de uma dolorosa ideologia, pude render graças pelo dom da liberdade recuperada, que permitiu ao continente europeu reencontrar sua integridade e sua unidade.

Ele, o senhor Embaixador, apenas definiu a União Européia como “uma área de paz estabelecida, que reúne vinte e sete países com os

---

<sup>8</sup>Bento XVI, Discurso a S.E. o Sr. Yves Gazzo, diretor da delegação da Comissão das Comunidades europeias junto à Santa Sé, Cidade do Vaticano, 19 de outubro de 2009.



mesmos valores fundamentais”. É uma definição feliz. Todavia, é justo observar que a União Européia não foi dotada destes valores. Pelo contrário, tais valores foram partilhados e a fizeram nascer e ser a força de gravidade que atraiu, para o núcleo dos Países fundadores, as diversas nações, que foram, sucessivamente, aderindo a ela, ao longo do tempo. Estes valores são o fruto de uma longa e tortuosa história na qual, ninguém o pode negar, o cristianismo desenvolveu um papel fundamental. A igualdade de todos os seres humanos, a liberdade da fé na raiz de todas as outras liberdades civis, a paz como elemento decisivo do bem comum, o desenvolvimento humano – intelectual, social e econômico – enquanto vocação divina (Cf. *Caritas in veritate* 16,19) e o sentido da história que daí deriva são outros elementos centrais da Revelação cristã que continuam a modelar a civilização européia.

Quando a Igreja lembra as raízes cristãs da Europa, não é para buscar um estatuto privilegiado para si mesma. Ela faz uma obra de memória histórica, lembrando, em primeiro lugar, uma verdade sempre guardada no silêncio: a inspiração decididamente cristã dos Padres fundadores da União Européia. Em nível mais profundo, ela deseja mostrar, também, que a base dos valores provém, sobretudo, da herança cristã e, ainda hoje, continua a alimentá-la.

Estes valores comuns não constituem um agregado anárquico ou aleatório, mas formam um conjunto coerente que se ordena e articula, historicamente, a partir de uma visão antropológica precisa. Pode a Europa omitir o princípio orgânico, original, desses valores que revelaram ao homem, ao mesmo tempo: sua eminente dignidade e o fato de que sua vocação pessoal o abre a todas as pessoas com as quais é chamado a constituir uma só família? Deixar isso cair no esquecimento, não significa expor-se ao risco de ver estes grandes e maravilhosos valores entrar em concorrência ou conflito uns com os outros? Ou ainda, estes valores não correm o risco de ser instrumentalizados por indivíduos e grupos de pressão, desejosos de fazer valer interesses particulares, em detrimento de um projeto coletivo ambicioso – que os europeus aguardam – que se preocupe do bem comum dos habitantes do Continente e do mundo inteiro? Este risco já foi percebido e denunciado por numerosos observadores, que pertencem a horizontes muito diversos. É importante que a Europa não permita que seu modelo de civilização se desfaça, pedaço por pedaço. Seu impulso original não deve ser sufocado pelo individualismo ou pelo utilitarismo.

Os imensos recursos intelectuais, culturais e econômicos do continente continuarão a dar fruto se continuarem a ser fecundados na visão transcendente da pessoa humana, que constitui o tesouro mais precioso da herança europeia. Essa tradição humanista, na qual se reconhecem tantas famílias, que pensam de modo diferente, tornam a Europa capaz de enfrentar os desafios do amanhã e de responder às esperanças da população. Trata-se, principalmente, da busca do justo e delicado equilíbrio entre a eficiência econômica e as exigências sociais para salvaguardar o ambiente e, sobretudo, do indispensável e necessário apoio à vida humana desde a concepção até o seu declinar natural; e à família fundada sobre o matrimônio entre um homem e uma mulher. A Europa será ela mesma se souber conservar a originalidade que construiu a sua grandeza, com condições de fazer dela, no futuro, um dos atores principais na promoção do desenvolvimento integral das pessoas, que a Igreja Católica considera como o único caminho capaz de remediar os desequilíbrios presentes neste nosso mundo.

Por todos estes motivos, senhor Embaixador, a Santa Sé segue com respeito e grande atenção a atividade das Instituições europeias, desejando que estas, com seu trabalho e sua criatividade, honrem a Europa, que é mais do que um continente, é uma “casa espiritual” (Cf. *Discurso às autoridades civis e ao Corpo diplomático*, Praga, 26 de setembro de 2009). A Igreja deseja “acompanhar” a construção da União Europeia.[...]

### *Para onde vai Quebec<sup>9</sup>*

Desde já declaro a minha convicção de que a crise dos valores e a busca dos significados são tão profundas e urgentes em Quebec, a ponto de haver graves repercussões também sobre a saúde pública, e estas geram custos enormes para o sistema sanitário. A sociedade de Quebec apoia-se, há quatrocentos anos, sobre duas pilstras: a cultura francesa e a religião católica, que formam o alicerce de base que permitiu integrar os outros componentes da sua atual identidade pluralista. Todavia, esse alicerce tornou-se frágil pelo enfraquecimento da identidade religiosa da maioria francófona [...]

O verdadeiro problema, para retomar a expressão, vaga, que enco-

---

<sup>9</sup> Texto extraído de: M.Quellet, Para onde vai Quebec? A propósito da fé e laicidade, na vida e no pensamento 2008/4

raja a propaganda do slogan da moda “A religião na vida privada ou na igreja, mas não em público”, não é senão o “lugar que a religião ocupa no espaço público”. O que é mesmo o espaço público? A estrada, o parque, os mídia, a escola, o parlamento nacional? É preciso, talvez, fazer desaparecer do espaço público o monumento dedicado ao monsenhor François de Laval e o dedicado ao cardeal Taschereau? É preciso banir os votos de “Bom Natal”, das cadeiras do parlamento, e substituí-los por “Boas Festas”, para ser coerentes? Os símbolos religiosos característicos da nossa história e, portanto, constitutivos da nossa identidade coletiva tornaram-se incômodos e nos trazem más recordações, que devem ser escondidas? É preciso eliminá-los do espaço comum para satisfazer uma minoria laica, radical, que em nome da igualdade absoluta dos cidadãos e das cidadãs, se lamenta de tudo?

[...] O verdadeiro problema de Quebec não é a presença de sinais religiosos ou a aparição de novos sinais religiosos invasivos do espaço público. O verdadeiro problema de Quebec é o vazio espiritual, criado por uma ruptura religiosa e cultural, da perda substancial da memória, que conduz à crise da família e da educação, que deixa cidadãos e cidadãs desorientados, desmotivados, sujeitos à instabilidade e atraídos pelos valores passageiros e superficiais. Esse vazio espiritual e simbólico mina, por dentro, a cultura de Quebec, dispersa suas energias vitais e gera insegurança e falta de enraizamento e de continuidade com os valores evangélicos e sacramentais que a nutriram desde sua origem.

Um povo cuja identidade foi fortemente configurada sobre a fé católica durante séculos, não pode de um momento para outro esvaziar-se de sua essência, sem deixar resquícios graves em todos os níveis. Daqui nasce o desânimo dos jovens, a queda vertiginosa dos matrimônios, o ínfimo índice de natalidade e o número apavorante de abortos e suicídios. Isso para não falar de algumas das consequências que se agregam às condições precárias dos anciãos e da saúde pública. Por fim, esse vazio espiritual e cultural é mantido por uma retórica anticatólica envolta em clichês, que desafortunadamente se encontram com frequência nos mídia.

Isso favorece uma verdadeira cultura de desprezo e de vergonha no que diz respeito à nossa herança religiosa e destrói a alma de Quebec. É chegada a hora de se perguntar: “Quebec, que fizeste com teu batismo?”. [...] Quebec está madura para uma nova evangelização, profunda, que se desenha em certos ambientes através de iniciativas

catequéticas importantes como, também, através de esforços comunitários de retornar às fontes de nossa história.

## *O futuro da vida consagrada na Europa<sup>10</sup>*

[...] Em relação ao futuro da vida consagrada (vc), uma convicção permanece firme: essa não é escolhida por um querer humano, mas por uma iniciativa do Espírito Santo. Se, portanto, justamente pela variedade de suas expressões, ela se apresenta como projeto carismático, então será somente o Espírito a decidir o seu futuro. Não é um convite à passividade e à resignação, é, antes, um pedido de empenho para viver com intensidade a escolha de Deus e estar atentos às indicações que o Espírito dá, hoje, à sua Igreja. Por parte das pessoas consagradas pede-se a mesma abertura e docilidade ao Espírito que caracterizaram os seus fundadores e fundadoras.

Projeto três pistas, que indico com palavras voluntariamente provocadoras: inutilidade, distração, vulnerabilidade da v.c., convencido de que também na Europa, esta tem um futuro, não menos rico que seu passado.

### *A inutilidade da vida consagrada*

[...] Numa sociedade que ostenta eficientismo, consumismo, totalitarismo a v.c. se move em outra direção. Nessa nossa Europa nada mais existe de gratuito e desinteressado. Tudo tem um retorno e um ganho. Muitos Institutos religiosos foram tentados, e o são ainda hoje, a aparecerem fortes, “úteis”: escolas preparadas, hospitais eficientes... É um drama quando, por causa de mudanças sociais e políticas, ou por falta de forças, ela se dá conta de ser socialmente inútil.

[...] Não nos angustiemos perguntando-nos se servimos para alguma coisa. A v.c. terá um futuro, se encontrar a gratuidade do seu ser [...] A v.c. nasceu do desejo ardente de ser totalmente de Deus, de modo a poder dizer, existencialmente e com o próprio ser: “Não há outro Deus fora de ti”; “Meu Deus e meu tudo”.

O seu “propósito” conforme se dizia antigamente, ou seja, a escolha fundamental e totalitária é fazer de Deus o ideal de vida numa

---

<sup>10</sup> Texto extraído de: F. Giardi, Inutilidade, distração, vulnerabilidade: pontos fortes da vida consagrada. Em F. Prado (ed). Para onde nos conduz o Senhor. Vida consagrada no mundo. Tendências e perspectivas, Paulinas, Milão, 1995.

descoberta consciente e sempre nova de seu amor. É este *nonsense e inutilidade* que a v.c. deve redescobrir. Não é utilitarista porque é totalmente gratuita, motivada exclusivamente pelo amor que, para ser tal, não busca interesse.

O fato de que na Europa a vida religiosa se percebe pobre e marginalizada é uma grande oportunidade. Obriga as pessoas consagradas a interrogar-se sobre o sentido profundo de sua vida. Não devem mais preocupar-se em “aparecer”, mas ir à raiz do próprio ser e assim reencontrar, também diante da Igreja e da sociedade, sua verdadeira utilidade: o sinal de um dom gratuito e de uma liberdade jamais perdida, os quais muitos buscam recuperar.

### *A distração da vida consagrada*

Um segundo ponto de atenção está voltado para um dos males da v.c. na Europa: o excessivo “recolhimento”. [...] A preguiça, a desilusão, a aspiração em viver isolado, o individualismo, a busca do bem-estar, o cálculo e o medo do risco, a falta de novas forças são o perigo que induz a v.c. européia, lentamente, a contentar-se com o mínimo, dobrando-se sobre si mesma. É hora da v.c. na Europa se “distrair” para olhar fora de si, ao redor de si e se lembrar que existe e é feita para a humanidade. É hora de reencontrar o sentido da doação para com todos e tornar-se, no meio do mundo, a expressão viva do amor de Deus para com a humanidade, assim como foi Jesus, que passou a vida “fazendo o bem a todos”. (At 10,38)[...]

A Europa hoje busca aquela “alma” que desapareceu. “Devolver uma alma para a Europa”, reencontrar as raízes cristãs da Europa”: afirmações que interpelam fortemente a v.c. Não foi o monaquismo, que veio em primeiro lugar, e depois o exército de religiosos e religiosas que deram um contributo determinante para o nascimento e crescimento da Europa? A v.c. perdeu a força propositiva de um tempo? Não há mais tempo para ficar olhando as próprias feridas, quando a Igreja e a sociedade clamam em alta voz. As próprias feridas serão curadas na medida em que a v.c. se dispuser a curar as feridas que recolhe ao redor de si, abrindo os olhos para o mundo que muda, a fim de partilhar “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias das pessoas de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem” (GS 1), fazendo-se sempre mais próxima, para amar, servir e levar esperança. Mas, também aqui, com desinteresse e na plena gratuidade, sem esperar retorno: “Somos servos inúteis. Fizemos o que devíamos ter feito” (Lc 17,10).

## *A vulnerabilidade da vida consagrada*

Um aspecto ulterior sobre o qual gostaria de chamar a atenção é o instinto de conservação, de autodefesa que, com frequência, recai sobre a v.c. na Europa, diante da perspectiva da própria extinção ou da incerteza do futuro. Em alguns casos, essa se exprime em atitudes de fechamento por parte de cada Instituto. Convocam-se os membros a fazerem uma redoma ao redor do carisma, ligada na tradição, no trabalho específico e nas obras. Levanta-se uma ponte para impedir contaminações, pensando que dessa forma se conserva a pureza da raça. O risco é o de certa autonomia e impermeabilidade diante do diferente e do novo, como extrema defesa da própria identidade, até se tornar, finalmente, invulneráveis... talvez até às mensagens que o Espírito lança à Igreja de hoje.

Gostaria de dizer: “abaixo as barreiras”. Não temos nada para defender, mas tudo para dar e receber, em sincera comunhão entre carismas, onde quer que esses estejam. Temos tudo a ganhar. Poderemos, finalmente, respirar a plenos pulmões, abrir os horizontes, fazer entrar em casa um novo ar. A v.c. terá futuro, se souber se tornar permeável, vulnerável ao sopro do Espírito e às suas mediações, que devem ser acolhidas com simplicidade e humildade. Foi o que o papa João Paulo II pediu a toda a Igreja quando indicou a espiritualidade da comunhão como a espiritualidade do novo milênio (NM43). [...]

Trata-se, agora, de enfrentar juntos o desafio da nova evangelização, do relacionamento com os leigos, da globalização, do diálogo ecumênico e interreligioso, da credibilidade numa sociedade secularizada, multicultural, pós-moderna. Antes de deixar-nos guiar pela prevenção ou perder-nos em polêmicas estéreis, é preciso a coragem de uma autêntica comunhão fraterna, plena de estima e de confiança recíproca. Olhar-se uns aos outros. Portanto, conhecer-se melhor, chegar à comunhão plena, com o objetivo de olhar além, juntos e trabalhar como única realidade carismática, para a Igreja e para a humanidade inteira.

# PARA OBSERVAR O NOSSO LUGAR A PARTIR DA PERSPECTIVA DO MUNDO

AS FSP NA EUROPA E CANADÁ/QUEBEC AOS 31 DE OUTUBRO DE 2009

<b>Circunscrição</b>	<b>fundação</b>	<b>membros</b>	<b>comunidade</b>	<b>idade m.</b>
Itália	1915	641	43	74,99
Albano	1948	74	1	75,36
França	1935	19	2	66,79
Alemanha	1964	14	3	55,79
Inglaterra	1955	24	4	66,17
Portugal	1950	28	4	61,93
Espanha	1946	36	5	67,69
Casa General.	1936	59	1	65,36
Roma-Borgo A.	1988	8	1	46,88
Roma-Mascherino	1989	9	1	72,22
Polônia	1986	6	1	49,00
Romênia	1993	7	1	57,71
Rússia	1994	4	1	49,25
Rep. Checa	1993	5	1	43,00
Canadá/Quebec	1952	17	3	67,41

## *Presença vocacional*

	<b>Aspirantes e postulantes</b>	<b>Noviças 1° e 2° ano</b>
Itália	1	–
Albano	–	–
França	–	–
Alemanha	–	–
Inglaterra	–	–
Portugal	–	1
Espanha	–	–
Inglaterra	–	–
Polônia	1	1
Romênia	–	1
Rússia	–	–
Rep. Checa	–	1
Canadá/Quebec	–	–

## ALGUNS DESAFIOS DAS CIRCUNSCRIÇÕES DA EUROPA E CANADÁ/QUEBEC

A Europa foi definida “um grande pantheon” pela sua complexidade e falta de pontos precisos de referência, onde o modelo antropológico prevalente parece ser o do “homem sem vocação”<sup>11</sup>. É uma situação sob muitos aspectos, como temos visto, partilhada também pelo Canadá/Quebec. No entanto, “essa Europa de muitas almas... mostra ter energias insuspeitáveis”<sup>12</sup>.

Esta afirmação, densa de esperança, pode ser aplicada também à nossa presença no continente de evangelização mais antigo e em Quebec, onde somos chamadas a devolver vida ao carisma paulino, a fim de contribuir, de modo eficaz, para a “nova evangelização”. Tudo isso exige um empenho renovado para:

- *Redesenhar* a vida espiritual e comunitária na ótica da fraternidade, como profecia e sinal de santidade;
- *Redesenhar* a missão no espírito de corresponsabilidade, de partilha – entre nós e com os leigos -, atentas aos “sinais de esperança”, abertas aos desafios do diálogo, da unidade, da itinerância e da emergência educativa, “sentindo” com a Igreja.
- *Redesenhar* a pastoral vocacional, sempre mais “prioridade das prioridades”, cultivando uma verdadeira cultura vocacional e individuando novas estratégias;
- *Redesenhar* o mapa da presença paulina na Europa.

---

<sup>11</sup> Novas vocações para uma nova Europa 11,1c

<sup>12</sup> *Ivi* 11, 1d





## “AGORA, VÓS SOIS O CORPO DE CRISTO”

*“Devem começar como o presépio”:  
nos passos das primeiras irmãs*



*A fase continental do processo de redesenhar as presenças nos leva hoje a fazer memória da nossa “Belém”, na Itália, “berço” do carisma paulino, e na Europa. A fé audaz das primeiras irmãs ilumine o nosso caminho.*

### ITÁLIA

**“CARÍSSIMA, BELÍSSIMA, DESEJADÍSSIMA EM JESUS CRISTO”**

#### *A Casa de Roma*

Nos primeiros dias de 1926, no pátio das casas paulinas de Alba, havia um movimento particular. A família Paulina preparava-se para abrir uma nova sede em Roma!

Na noite de 13 de janeiro de 1926, acontecia a comovedora função de despedida, que assim vem descrita pelas Filhas:

Antes da partida, na capela, foram recebidas todas as bênçãos por parte do Senhor Teólogo. Ficamos felizes em saber que nossas irmãs estariam pertinho do Papa, mas sentimos muito a separação. Apesar da distância estaremos sempre unidas, presas às raízes da única árvore da Casa, com os mesmos pensamentos, ideais e desejos.

Aos 15 de janeiro partiram quatorze jovens de pouca idade, orientados pelo bem-aventurado Timóteo Giaccardo (1896-1948), e quatorze moças, com idade entre quinze e vinte anos, orientadas por Mestra Amália Peyrolo (1899-1980).

A sede que acolheu as quatorze Filhas de São Paulo foi uma casa pequenina situada à rua do Porto Fluvial, 9. Ela continha cinco salas que serviam de dormitório, estudo, refeitório, cozinha (nessa pequena cozinha eram preparadas as refeições para o seminário dos rapazes).

As Filhas de São Paulo alternavam-se com os rapazes na tipografia instalada num barracão, atrás do depósito da ex-tipografia Salomone (esquina da via Ostiense, 73). Começou-se imprimindo o boletim semanal: *A voz de Roma*, em várias edições e para diversas dioceses, e mais sessenta e três boletins paroquiais.

No terreno plano da Via Ostiense, em um modesto local onde ficava a diretoria, foi aberta, também, uma pequena livraria e uma biblioteca circulante, sob a responsabilidade de M. Amália.

Com frequência, as duas comunidades visitavam o túmulo de São Paulo. Aquele trecho da Via Ostiense, percorrido há séculos pelo Apóstolo, acorrentado, lhes transmitia comoção e alegria. Na basílica São Paulo conheceram o abade Ildefonso Schuster (1880-1954) que os cercou de atenção e de carinho.

Em setembro de 1926 foram acolhidas as primeiras alunas; e as cinco salas da via do Porto Fluvial, 9, tornaram-se pequenas para hospedar umas 30 pessoas. Procurou-se, então, uma nova casa e foi encontrada na via Ostiense, 75. E assim, em meados de novembro de 1926, as duas famílias passaram a morar em dois apartamentos próximos. A tipografia foi acomodada no mesmo prédio, num salão mais amplo e adequado, mesmo se muito pobre. Na realidade, esses dois “apartamentos” eram simples depósitos: o térreo era um depósito de peixes; o segundo andar era um depósito de ferramentas.

Dom Alberione acompanhou a Casa de Roma com atenção paterna com escritos e visitas frequentes. Numa carta a Dom Giaccardo escrevia:

Fez-me muito bem saber como caminham agora as Filhas e como aliviaram um pouco a Mestra Amália dos muitos pesos que carregava quase sozinha. É pleno de esperança o fato de que diversas Filhas (...) estejam cheias de boa vontade e colocando a serviço de Deus todos os talentos que o Senhor lhes deu. (24 de dezembro de 1926).

As obras duradouras e frutuosas são aquelas que melhor refletem

a obra da redenção. Jesus também nisso é Caminho: devem começar como o presépio, bem pequenas, escondidas, deixadas de lado, combatidas; mas levar os germes da vida... Assim, a Casa de Roma: caríssima, belíssima, desejadíssima, em Jesus Cristo. Não queiramos nascer adultos nem crescer com precipitação, ou no atropelo, nem amadurecer à força como uma fruta na palha. Seria algo sem consistência, sem sabor, sem energias, incapaz de dar vida. E o Senhor a quer cheia de vida e carregada de muitos frutos; ramificada! (1º de janeiro de 1927).

## **“NÃO SOMENTE TIPOGRAFIAS”**

### *As primeiras “filiais”*

Depois da abertura da casa de Roma e a “morada” de Turim, parecia ter chegado o momento de superar os confins regionais e os horizontes restritos do apostolado tipográfico.

Aos 11 de setembro de 1928, Dom Alberione escrevia a Giaccardo:

Vê-se, sempre mais clara, a necessidade de ter livrarias e não somente tipografias.

E porque a aprovação jurídica das Filhas estava próxima, pensou-se na abertura de novas casas.

Dom Desiderio Costa e Dom Paolo Marcellino foram encarregados de ver a possibilidade de abrir as casas filiais. Encontrou-se disponibilidade particular em Salerno e em Bari e procurou-se, também, a possibilidade de aluguel, que consistia, quase sempre, em duas salas, no térreo: uma adaptada ao centro de difusão e a outra como moradia.

Da abertura dessas casas eram encarregadas, geralmente, as Filhas, começando, assim, sua expansão. Em grupo de duas ou três, com uma enorme bagagem de fé, pouca preparação e com a mesma pobreza vivida no início da fundação, vão às cidades escolhidas pelo Fundador, que as precede ou as acompanha com uma carta de apresentação ao Bispo do lugar.

As primeiras a partir foram M. Marcella Voerzio (1899-1980) e M. Andreina Binello (1909-1994), enviadas para Salerno aos 05 de novembro de 1928. Sua pequena casa situava-se na Rua Garibal-

di, 152. O acontecimento foi acolhido com particular cordialidade pela diocese.

A segunda casa foi aberta em Bari aos 15 de novembro de 1928. Para lá foram enviadas M. Francesca Cordero (1899-1985), Irmã Anna Maria Merla (1889-1946, Irmã Querubina Cordero (1908-1991). Foram hóspedes das Irmãs Imaculatinas de Ivrea, durante uma semana; depois estabeleceram-se na Rua Dante Alighieri, 29.

Em 19 de novembro de 1928, Dom Alberione enviou para Verona M. Bartolomea Viviam (1903-1984), Irmã Emanuella Marini (1900-1934), Irmã Serafina Milani (1910-1048). Durante um mês ficaram hospedadas com as Filhas de Jesus, depois abriram uma pequena sede na Rua S.Cósimo.

Mestra Tecla acompanhava aquelas que partiam e após alguns dias lhes escrevia. Com elas vivia as dificuldades, as aventuras e as incertezas dos inícios. A sua era uma verdadeira viagem *fundacional*, que durou dos primeiros dias de novembro ao Natal de 1928.

De Alba o Fundador seguia essas pioneiras que percorriam uma estrada ainda a ser traçada e se interessava por tudo: moradia, saúde, espírito, problemas jurídicos, possibilidade de difusão... As encorajava a prosseguir e a permanecer em constante comunhão com a Casa Mãe. Por ex: escreveu à comunidade de Salerno:

Eu conto muito com vosso zelo e com a graça de Deus [...]. Vós sois a mesma casa de Alba, não uma filial de comércio. Portai-vos, por isso, como se estivésseis em Alba. E sobretudo, no amor como filhas para com a Mãe. Amemo-nos como se fôssemos uma só família: tudo o mais vem por si. A lei suprema é o amor.

### *Salerno: a "primogênita"*

*Escutemos o relato das irmãs que partiram para Salerno, a primeira casa filial.*

No dia 01 de novembro de 1928, logo após a oração vespertina, o Primeiro Mestre convocou novamente as jovens, na capela, expôs o SS. Sacramento, entregou o Evangelho a cinco irmãs que estavam de partida para diversas cidades italianas, pronunciou uma exortação estimulante e concluiu com a Bênção Eucarística.

Na manhã de 02 de novembro – escreve Ir. Marcella Voerzio – partimos de Alba para Salerno, com o primeiro trem, fazendo uma parada em Roma. O trem de carga que transportava nossos livros, as estantes, as camas, já havia partido há alguns dias. Chegando a Roma fomos para a casa das nossas irmãs que há pouco tempo estavam morando na Via Grottaperfetta, na mais extrema pobreza, e esperamos que chegasse de Salerno o telegrama anunciando a chegada do trem de carga. O telegrama chegou na tarde de 04 de novembro e nós partimos na mesma noite, chegando a Salerno na manhã seguinte.

Depois de haver participado da Missa, fomos até o proprietário da casa para receber as chaves, e a seguir dirigimo-nos à estação do trem para retirar os pacotes. No final do trabalho, o proprietário nos convidou para almoçar. Já eram 17 h e nós (Ir. Andreina Binello e eu) estávamos ainda com o café da manhã.

Dom Mario Martorano fez chegar até nós uma bacia de água para usar na manhã seguinte, dado que o apartamento estava sem água e sem gás. Muito cansadas, colocamos duas redes no chão, nos acomodamos e dormimos até a manhã seguinte.

Após uma limpeza pessoal, sumária, fomos à igreja participar da santa Missa, rezar as práticas de piedade e, a seguir, dar uma volta na cidade. Éramos observadas por todos, com curiosidade e maravilhados pelo nosso hábito, com o blazer e sem véu que, à primeira vista, denunciava certa excentricidade. Colocávamos o véu só na igreja.

Após dois dias chegou Mestra Tecla e nos deixou muito felizes! Com ela fizemos a primeira visita ao Arcebispo, que nos acolheu com muita afabilidade, dizendo-nos que estava bem contente de ter-nos próximas e convidou-nos a manifestar-lhe as dificuldades que encontrássemos.

Apenas retornadas da visita ao bispo, arrumamos as estantes para colocar os livros que tínhamos trazido de Alba. Não foi fácil, mas orientadas pela Primeira Mestra, conseguimos um bom resultado.

Chegada a noite e ainda não tendo as camas, estendemos as redes e dormimos, não sem antes termos achado o fato cômico e rirmos da situação em que nos encontrávamos.

Depois de arrumar as prateleiras e os livros, passamos a cuidar da cozinha. Não tendo armários, arrumamos uma caixa dividida em duas partes: de um lado, colocamos os pratos, e do outro, as panelas.

A Primeira Mestra precisou nos deixar e ir para Bari. Com saudades a acompanhamos à estação do trem e depois voltamos para casa, mesmo se um pouco tristes. É claro que não queríamos ficar sozinhas, mas pensamos que também nossas irmãs de Bari mereciam receber o conforto e a ajuda da Mestra Tecla, porque vivíamos dificuldades comuns.

Em primeiro lugar pensamos em tornar-nos conhecidas através de um boletim impresso, difundido todos os meses na cidade. Falamos com o Arcebispo e ele aprovou o projeto; mas, antes quis reunir os vigários para colocá-los a par da nossa presença e também fazer-nos acompanhar por uma senhora para visitar as paróquias, facilitando a difusão.

Em fevereiro saiu o primeiro número do boletim: *A voz de São Mateus*, impresso em Alba e logo começamos sua distribuição. Sempre com a ajuda do Arcebispo, começamos as bibliotecas do seminário e das escolas complementares nas paróquias de São Pedro e Santo Agostinho.

No mês de maio, levamos, nas visitas às famílias, além do boletim, livros marianos e os de Dom Bosco, em quantidade, por ocasião de sua beatificação.

No dia 08 de agosto fomos a Baronissi para aquela que seria a primeira forma de propaganda de livros. Já na estação vieram receber-nos as jovens da Ação Católica e, na igreja, o vigário nos apresentou como as apóstolas da boa imprensa, falando da necessidade da boa imprensa e do modo de promovê-la. Formou-se na paróquia uma milícia de “Cooperadores do apostolado da imprensa”. Foram escolhidas algumas pessoas para a difusão da mesma. Em setembro continuamos a propaganda dos livros nas cidades de Montecorvino, Batipaglia, Foiano, Mercato S. Severino, etc.

Cada cidade era para nós um campo de apostolado e ninguém colocava obstáculos ao nosso desejo de levar a Palavra a todos.

## *Verona: um Natal para sonhar*

*Segunda feira, 19 de novembro de 1928, M. Bartolomea Vivian, Emanuela Marini e M. Serafina Milani partiram de Alba com o primeiro trem das 4,30h para chegar a Alexandria e prosseguir para Mortara, Milão, Verona, onde chegaram às 16h20. Assim conta M. Bartolomea:*

Estávamos em novembro e os dias eram curtos. Apenas descidas do trem e depois do carro à Igreja de São Fermo, comemos um lanche que havíamos levado conosco e nos dirigimos à casa do Sr. Balzaro, diretor do semanário *"Italia antiblasfema"*, impresso em Alba, na Pia Sociedade de São Paulo. O Sr. Balzaro morava na via S. Cósimo, 6 e foi-nos de grande ajuda. Informado da nossa visita, veio ao nosso encontro, com transporte, dizendo que em Verona encontraríamos gente boa, padres zelosos e nos acompanhou até a casa das Filhas de Jesus, onde ficaríamos hospedadas. Além disso, a mudança de Alba ainda não havia chegado. A Madre geral do Instituto, M. Imelda Soave, interessou-se benignamente de nós e nos disse "Agora vai bem um bom jantar e depois uma cama, e vocês ficarão aqui até que chegue a mudança e tenham colocado tudo no lugar.

No dia seguinte, depois das práticas de piedade, saímos para conhecer o local que nos havia sido destinado na via S. Cósimo e visitar as paróquias para avisar os vigários que abriríamos um centro de apostolado onde se encontraria o Evangelho e outros livros. Propusemos também a impressão do boletim paroquial, com a quarta página destinada a cada paróquia e que recolheríamos suas notícias para repassá-las depois a Alba. Ainda lhes asseguramos a difusão do mesmo nas famílias. Três vigários aderiram à proposta. Era uma maneira muito boa para nos aproximarmos das famílias e informá-las da abertura da livraria e recrutar os primeiros cooperadores.

Depois de uns quinze dias chegaram de Alba as prateleiras para a livraria e junto veio um frei da Pia Sociedade de São Paulo para montá-las. Planejada a divisão do local pudemos colocar: de um lado as camas, e do outro a livraria. As caixas maiores dos livros foram usadas como mesas, e as menores, como cadeiras. E assim pudemos sair da casa das caridosas Filhas de Jesus.



A Primeira Mestra já havia feito seu primeiro itinerário pelas casas filiais abertas: Salerno, Bari e Cagliari. Havia prometido visitar-nos na primeira metade de dezembro e já vivíamos a alegria de sua vinda para celebrar conosco a novena do Natal.

Quando M. Tecla chegou já fazia muito frio. Era o famoso inverno de 1928-1929 que atingiu vários graus abaixo de zero, como há tantos anos não acontecia. Com ela começamos a novena do Natal, cantada no espaço da livraria e fazendo um pequeno oratório de cinco degraus junto à parede dos fundos.

Uma pequena estufa de ferro, vinda de Alba, foi colocada no meio da sala para aquecer um pouco o ambiente. Sobre ela colocavam-se duas marmitas de alimentos que, geralmente, eram as belas vasilhas vênetas, cujo odor de gordura impregnava o ambiente e fazia propaganda do nosso menu. Os poucos sacerdotes e fiéis que frequentavam a livraria diziam: “ Mas, sempre tendes comida na panela?”

Na noite de Natal fomos à missa da meia-noite na casa das Filhas de Jesus, porque ainda não tínhamos capela. Depois da Missa elas nos convidaram para tomar uma xícara de leite quente; mas nós pensávamos na tradicional polenta piemontesa que a Primeira Mestra já tinha mandado cozinhar e deixado no calor da estufa. Voltando para casa, consumimos a polenta e fomos dormir. No dia de Natal, após a missa, fomos constrangidas a ficar na livraria o dia inteiro, com a luz acesa e a grade abaixada. Mas, ao mesmo tempo, a Primeira Mestra nos dizia muitas coisas bonitas e conosco fazia projetos para o futuro, quando teríamos local próprio e capela em casa. Parecíamos voltar a ser crianças e sonhar com lugares encantados, bem diferentes da realidade cotidiana...

Passadas as festas, a Primeira Mestra já falava em partir. Antes de nos deixar, fez-nos algumas recomendações:

Rezai muito. O Senhor vos abençoará e vos dará um sinal certo de sua predileção, mandando-vos vocações. Aprendei a servir bem o clero e os fiéis e a estudar os caminhos sempre novos para a realização do apostolado. Não deixeis de permanecer bem unidas à Casa Mãe e seguir suas orientações. Não gasteis nada sem licença. Para a meditação e a leitura espiritual usai os livros indicados (*Preparação para a morte,*

*Prática do amor de Jesus Cristo, Caminho da santidade, Glórias de Maria, Diário espiritual, A verdadeira esposa de Jesus Cristo).*

A promessa foi feita e mantida plenamente. Todos os meses recebíamos (datilografadas) as horas de adoração orientadas pelo Senhor Teólogo no templo de São Paulo, onde se fazia presente toda a Família Paulina. Eram nosso alimento espiritual, as nossas vitaminas.

## OUTROS PAÍSES DA EUROPA

### ACOLHIDAS NA HOSTILIDADE E COMPAIXÃO

#### *A fundação da casa de Lion*

Um grande bem deveria ser o sinal da abertura da casa na França, porque houve dificuldades sem fim. Em 1932, Ir. Clelia Bianco e Ir. Claudia Negri fizeram uma primeira tentativa de abrir uma casa na França. Talvez a ideia fosse prematura, e o resultado foi negativo. Tentou-se de novo em 1935 e, então, vieram de Turim as primeiras irmãs com a intenção de abrir uma casa e acomodar-se provisoriamente num lugar alugado. O Primeiro Mestre, ao enviá-las, disse-lhes: “Não importa se não estudastes a língua e não sois cultas. O Senhor fará por vós”.

As duas primeiras Irmãs partiram com um grande baú contendo um pouco de enxoval e muitos dos famosos volumes da Bíblia em francês, cheios de erros e pouco apresentáveis. Por dois meses alugaram uma peça mobiliada, não muito limpa; depois encontraram um aluguel mais conveniente e, com a ajuda de bons italianos, imigrantes na França, procuraram as coisas de que precisavam.

Por um pouco de tempo só tinham uma panelinha que usavam para esquentar a sopa e para fazer a comida. Chegando o frio do outono, encontraram-se sem cobertas. Para remediar o problema, juntas costuraram vários retalhos de lã, ganhos de presente, e fizeram algumas cobertas. Durante o dia iam à propaganda, e voltando para casa ligavam o gás, esquentavam uma panela de água e se aqueciam no vapor da mesma.

A primeira viagem de propaganda foi, realmente, “para reconhecer o terreno”. Havia hostilidade de natureza política, porque muitos franceses não simpatizavam com os italianos, que desejavam conquistar a Abissínia. As dificuldades por causa da pobreza não eram nada comparadas à hostilidade dos olhares, das atitudes de compaixão, que lhes mostravam com sinais, seja porque eram estrangeiras, ou porque ignoravam a língua, seja porque eram consideradas propagandistas protestantes. Isso, especialmente por causa dos volumes extraídos da Bíblia, que difundiam. Em várias cidades da diocese de São João de Maurienne e de Moutiers, Ir. Zefferina Baldi e Ir. Maria Mussi foram submetidas a um longo interrogatório, fechadas durante horas na delegacia de polícia para esclarecer a própria identidade.

Outra dificuldade era a de não ter livros adaptados para apresentar na propaganda, além dos volumes da Bíblia, de duas ou três vidas de santos e do folheto *Il seme*, que deixavam em cada família.

Apesar de tudo isso, não faltavam generosas ofertas que, porém, eram encaminhadas para as primeiras casas de missão, como a China e as Ilhas Filipinas.

Ao mesmo tempo as Irmãs procuraram e encontraram um outro lugar para morar, na paróquia Sta. Teresa do Menino Jesus, e logo fizeram a capela para ter em casa o SS. Sacramento. O vigário, vendo a piedade das Irmãs e o espírito de sacrifício, começou a querer-lhes bem e as defendia diante das pessoas que não as conheciam e dizia: “Deixem-nas fazer: rezam muito”.

## OS SACRIFÍCIOS DO INÍCIO DIFÍCIL

### *A fundação da casa de Barcelona*

*As primeiras três Irmãs italianas que se dirigiram para a Espanha foram: Ir. Constanza Bianciotto, Ir. Fedele Milani e Ir. Cândida Perrone. Partiram de Roma em 16 de agosto de 1946. Por desejo do Mestre Timoteo Giaccardo passaram por Londres, onde ficaram um dia. Depois prosseguiram viagem e ficaram alguns dias em Bilbao. Foram muito bem acolhidas por Dom Costa e foram acompanhadas até Barcelona por uma Pia Discípula, já prática na língua e nos costumes dos espanhóis.*

*Chegaram a Barcelona na manhã de 25 de agosto sob uma chuva torrencial. Chegadas, porém, ao endereço indicado, não encontraram nem a casa que devia hospedá-las nem alguém para recebê-las. Depois de ter tocado, por várias vezes, a campainha, saiu um pobre corcunda e lhes perguntou o que queriam.*

*Elas mesmas lembram:*

Estávamos certas de encontrar uma casa modesta e acolhedora – como nos foi assegurado – onde pudéssemos, momentaneamente, nos organizar. Ao contrário, no endereço fornecido encontramos uma espécie de Instituto educacional, em fundação: poucas senhoras anciãs e uma dezena de jovens às quais era ministrada a formação. Ninguém estava a par da nossa chegada, nem do nosso aluguel pago com antecedência. Éramos umas legítimas desconhecidas. Já estava anoitecendo, chovia muito e tínhamos pouco dinheiro. Aonde ir?

As senhoras fizeram a caridade de hospedar-nos. Fomos, então, introduzidas num porão úmido, escuro, cheio de ratos e aranhas, sem portas e com janelas abertas aos curiosos.

“Não nos disse muitas vezes o Primeiro Mestre que é bom começar sempre de Belém, isto é, da pobreza e do abandono para ter a complacência de Jesus?”. Decidimos, de boa vontade, pegar a vassoura, o pano e com ânimo começamos a limpeza. Depois de haver limpado o possível e, de algum modo, acomodado a bagagem, resolvemos repousar em quatro camas, sem ao menos perguntar-nos: até quando? Sentimos em nós a assistência de Deus, e as incertezas do amanhã não nos davam medo. Assim permanecemos por um mês até conseguirmos a suspirada possibilidade de encontrar um lugar melhor.

O dia seguinte à chegada aprendemos as primeiras e mais necessárias palavras da língua espanhola. Saímos para a propaganda junto às famílias.

- Buenos días, señora. Ave María purísima! (a saudação típica do religioso).

- Buenos días, hermanitas. Sin pecado concebida! Qué quiere?

- Somos las misioneras de la Buena Prensa; y pasamos para difundir la Palabra de Dios.

E os livros passavam das nossas mãos, com um sorriso aberto de gratidão, para as mãos das senhoras e das jovens que vinham atender a campanha.

No fim do primeiro dia notamos com viva emoção como o Senhor dirigia aquela gente boa e a dispunha a se interessar por nós e por nossa obra incipiente.

Constatação confortante entre os sacrifícios dos inícios difíceis.

### **“TRÊS CONSOLAÇÕES: O EVANGELHO, MARIA, A EUCARISTIA** *A fundação da casa de Porto*

No “Conte Grande” às 3h da manhã do dia 17 de setembro de 1950, partiram para Lisboa duas Filhas de São Paulo com a missão de abrir uma casa no Porto. Eram Ir. Nazarena Martins (brasileira) e Ir. Maria Nives Mechis. Em Lisboa as esperavam os Paulinos, que desde 1946 se encontravam naquela cidade. Por cerca de dez dias foram hóspedes das Pias Discípulas, e com elas fizeram os primeiros contatos com a capital da nação onde deveriam desenvolver seu apostolado.

Após esse período foram para o Porto, passando por Fátima e confiando a Nossa Senhora a nova fundação de Portugal. Em Fátima foram hóspedes das Irmãs de Nossa Senhora das Dores, as quais lhes asseguraram que no Porto poderiam ficar com as Irmãs da Congregação para os primeiros dias.

Chegaram ao Porto na tarde de 2 de outubro e foram bem acolhidas pelas Irmãs, na Rua Cedofeita. Mas, dado que não era fácil encontrar uma casa, depois de 15 dias transferiram-se para a casa das Irmãs Dominicanas espanholas do Colégio Liverpool e continuaram hóspedes por dois meses.

Em primeiro lugar apresentaram-se ao bispo, dom Antonio Ferreira, acompanhadas e recomendadas por uma boa senhora – De Lancastre. Mas, não obstante a recomendação, o bispo só lhes deu a permissão por um breve tempo, como prova.

Os primeiros dias de propaganda revelaram as várias dificuldades e os obstáculos que iriam enfrentar: a indiferença para com

as irmãs estrangeiras, grande percentual de analfabetismo, condições econômicas miseráveis, impedimento à propaganda coletiva e até o mau tempo conspirou contra elas. Mas uma boa Filha de São Paulo não se deixa impressionar por nenhum obstáculo, e as duas primeiras Irmãs foram heróicas em sua constância.

No começo de dezembro assinaram um contrato de aluguel de uma pequena moradia na Rua do Ameal, e assim deixaram a Via Turrina por um novo “ninho”. Tanta foi a alegria que nem parecia verdade. Era uma casa pobre, vazia, mas para elas lhes parecia um palácio, e a alegria daquela primeira ceia na própria casa é difícil descrevê-la.

Em 19 de dezembro chegou Ir. Dionisia Michels, essa também brasileira e trouxe alegria para o pequeno ninho.

A Epifania de 1951 trouxe a graça da visita de Mestra Paolina, que ficou três dias com elas, confortando-as e encorajando-as naqueles difíceis inícios. No final de janeiro mais duas Irmãs chegaram: Ir. Timótea Ferrareto (brasileira) e Ir. Alfonsa Gemelli, italiana, seguidas em março por Ir. Dolores Melis e Ir. Paola Macalli.

A pequena comunidade contava com sete membros e começava-se a pensar nas vocações locais. Com o bom tempo, foram organizadas três equipes de propagandistas que deixaram o Porto e se dirigiram para outras dioceses, percorrendo boa parte do pequeno Portugal. Em geral eram bem acolhidas pelos vigários e hospedadas com caridade pelas Irmãs, mas não faltaram exceções. Numa cidade o vigário tinha apenas alertado os paroquianos sobre os propagandistas protestantes que andavam pela região. Por coincidência, dois dias depois passaram duas Filhas de São Paulo. Foram tomadas por protestantes e ninguém as acolheu, antes, os rapazes achando que eram homens travestidos, mandaram-nas embora a pauladas. Não houve nada a fazer ou dizer: precisaram ir embora.

No entanto, em maio de 1951, outra graça lhes era reservada. O Primeiro Mestre tinha ido a Lisboa visitar a Pia Sociedade de São Paulo, mas sabendo que as Filhas de São Paulo se encontravam em dificuldade, não deu atenção ao seu cansaço e se dispôs a viajar seis ou sete horas, de carro, para chegar até o Porto. Foi recebido

com imensa alegria na pequena casa e no grande coração! Uma nova onda de coragem invadiu o coração das Irmãs. Ele as abençoou e pediu-lhes para encher a casa de méritos: “Maiores dificuldades, maiores méritos. Não esqueçais que tendes convosco três consolações: o Evangelho, Maria, a Eucaristia”.

## **COMEÇA-SE COM MARIA, RAINHA DOS APÓSTOLOS**

### *A fundação da casa de Londres*

Era 20 de maio de 1955 – vigília da festa litúrgica da Rainha dos Apóstolos – quando as primeiras quatro Filhas de São Paulo pisaram, pela primeira vez, na Inglaterra. Na estação Vittoria estavam dois padres paulinos esperando por elas. Eles já estavam naquele país havia 8 anos. Logo que retiraram as bagagens levaram-nas para a casa deles, a fim de restabelecer-lhes as forças. A seguir, confiaram-nas a uma senhora italiana na 20, Ovington Gardens, onde ficaram uma semana.

As quatro Irmãs eram: Ir. M. Rosaria Visco, superiora, Ir. Pierina Enriquez, Ir. Mary Connel e Ir. Natalia Bonifacio. Elas procuraram logo um pequeno apartamento, mobiliado e o encontraram na 10 North Terrace, onde se transferiram por seis meses.

Sonhavam transformar a imensa City com seu apostolado, mas no momento tiveram de contentar-se com os humildes serviços na cozinha da Pia Sociedade de São Paulo.

Duas delas, no dia 13 de maio, deixaram os trabalhos domésticos para a primeira saída para a propaganda. Foi muito grande a alegria por ter difundido um livro mariano: a *Mística Rose* de Newman: primeiro livro impresso na primeira máquina dos paulinos da Inglaterra. Em 28 de junho, com a chegada de mais três irmãs, uma maltesa e duas irlandesas, os horizontes da difusão alargaram-se. No dia 31 de julho concluiu-se em Bedford, a primeira festa do Evangelho entre os italianos, e isso com muito sucesso.

Uma outra alegria esperava as Irmãs nesse mesmo dia: a visita da Primeira Mestra, que retornaria, em breve, acompanhada do Primeiro Mestre. Por essa ocasião foi visitado e desejado o terreno de Langley, a 20 milhas de Londres e onde mais tarde seria cons-

truída a primeira casa das Filhas de São Paulo, perto da Pia Sociedade de São Paulo.

Em 15 de agosto de 1955 houve uma nova festa do Evangelho, sempre entre os italianos de Bedford. E finalmente no dia 1º de setembro tomou-se posse da livraria de Beauchamp Place, 29, gerenciada pela Pia Sociedade de São Paulo. Da Itália havia chegado uma livrarista: Ir. M. Emma Mossio. Enquanto isso, a família crescia, também, com a chegada da primeira aspirante irlandesa...